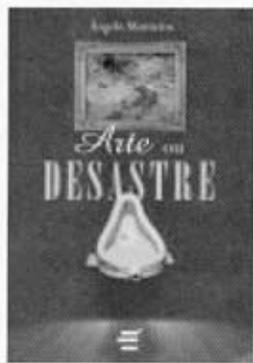


# Ângelo Monteiro, o intelectual perfeito

Por **Ariadne Quintella**

ariadne\_quintella@hotmail.com



Poeta, escritor, ensaísta, Ângelo Monteiro chega aos 70 anos de idade com uma bagagem cultural que o credencia como um dos mais afortunados intelectuais deste país, tendo a seu favor uma arma bastante eficaz, a filosofia. Ao longo dos anos essa ciência corriqueiramente apontada como aquela que

busca as últimas causas foi a responsável pelo apurado senso crítico que esse alagoano pernambucanizado desenvolveu.

A leitura de sua última obra *Arte ou Desastre*, editada pela É Realizações, de São Paulo, leva ao seguinte entendimento: Ângelo Monteiro não se acomodou em ser apenas mais um observador do que se passa no seu universo, que abrange muito mais que a literatura. Antes procura mergulhar na análise dos fatos que surgem no cotidiano, sejam eles sociais, culturais ou políticos, guiado pelo condão filosófico, esteio maior de sua formação.

Num primeiro momento ele cuidou de sua poesia que floresceu em todas as estações, bela como deve ser a arte e sempre muito próxima do sagrado. Depois veio a etapa das aulas-conferências dada nos centros culturais para os quais era convidado, inclusive no Sudeste do País, atividade esta de uma riqueza de informações que só os desavisados não conseguiram até hoje alcançar a importância de seu conteúdo sociofilosófico. Mais tarde toda essa matéria-prima foi transformada em livro lançado há pouco tempo, cujo título *Arte ou Desastre* tem uma explicação dada pelo próprio autor:

“Se a Arte representa o brilho de alguma coisa auspiciosa e mesmo prodigiosa, o Desastre evoca a opacidade de todas as quedas e de todas as decadências”.

Em relação à criação poética, diz ser a convocação para a Beleza enquanto um bem que se manifesta no aprazível, que constitui o seu centro irradiador. Se a palavra grega *techne*, correspondente à arte, está a serviço da poesia e não ao contrário a poesia a serviço da técnica. Daí, no entendimento de Ângelo Monteiro, nada mais estranho à índole da arte, em sentido pleno, do que a ênfase no consumismo em detrimento do “fôlego criador”.

Ao discorrer sobre “A barbárie cultural como esquecimentos dos valores éticos, estéticos e filosóficos”, ele nos chama a atenção sobre uma falha, digamos assim, a partir da base no tocante ao esquecimento do ethos, cuja ausência deixa sem explicação

a cultura, em “seus aspectos mais enigmáticos”, ligados à existência não só da arte, como da religião e da filosofia. Como consequência, torna-se difícil o entendimento de qualquer atividade humana, e por isso esse vazio passa a ser preenchido pela barbárie cultural que, na visão do autor de *Arte e Desastre*, traz em seu bojo a regressão mental, a incapacidade de pensar e o retorno à sociedade tribal.

Tal destruição, na sua ótica, vem empobrecendo a esfera ética, deixando à deriva o próprio caráter do homem desprovido de defesa espiritual – o empobrecimento espiritual como sinal de que Deus também silenciou, ou como definiu Heidegger citado por Ângelo Monteiro: “Chegamos demasiado tarde para os deuses e demasiado cedo para o Ser”. Tudo como consequência da inversão contemporânea dos valores éticos, estéticos e religiosos. Inversão esta, para Ângelo Monteiro, também geradora de um processo de esvaziamento na cultura e da ausência do sagrado, o que remete o escritor à mesma indagação de George Steiner em *Gramáticas da Criação*:

“Haverá, algum dia, filosofia, música e arte de importância que tenham sido inspiradas pelo ateísmo?”

A privação do sagrado, na concepção do poeta, filósofo e escritor Ângelo Monteiro (sem dúvida alguma autor de uma poesia marcadamente teocêntrica), independentemente de qualquer manifestação religiosa também atinge os domínios éticos e estéticos da existência, posto que numa linguagem metafórica “são os braços dos deuses que nos ligam às forças poderosas do Céu e da Terra”. Ele cita *A Divina Comédia*, obra-prima de Dante Alighieri, como paradigma por enfeixar, na sua criação, três aspectos primordiais, o teológico, o filosófico e o estético. E sinaliza para o fato de a maioria das pessoas que se debruçam sobre a leitura desse livro só ter olhos para o Inferno, enquanto a experiência do Paraíso em Dante nos aponta especialmente para o caráter místico da assimilação de toda a realidade, fazendo com que o pathos (paixão) da visão estética grega, ao se nutrir da compaixão de todas as coisas converta-se em caridade enquanto expressão suprema do amor “que move o sol e as estrelas”.

Conclui AM que a ausência dessa compaixão ou caridade, propiciada pela ausência ou pela privação do sagrado, encontra sua demonstração mais grotesca nesse espelho invertido que é a pós-modernidade, e que “nivelando e enovelando todos os valores não consegue jamais ultrapassar o cego reflexo do seu próprio vazio”.

**Ariadne Quintella** é jornalista, escritora, advogada, com pós-graduação em Literatura Brasileira, presidente da Associação de Jornalistas de Turismo de Pernambuco, a Abrajat-PE